

Parte I

# Apocalypse:

autoria, advento e a  
identificação da besta



**“O Espiritismo é uma doutrina liberal,  
emancipadora da inteligência, inimiga  
da fé cega.”**

*(ALLAN KARDEC, Revista Espírita 1868)*

# **Tópicos:**

- **Introdução**

## **Parte I**

- **Antigo Testamento**
- **Novo Testamento**

## **Parte II**

- **O designado Apocalipse de João**
- **Quem foi o autor do Apocalipse**
- **Do que trata o gênero literário apocalíptico?**
- **Identificação da Besta: a quem se refere o nº 666?**
- **Conclusão**

# Introdução

Uma vez que é comum escutarmos que na Bíblia existem profecias a respeito do fim dos tempos, ou seja, o terrível “fim do mundo” época em que supostamente Deus fará o julgamento tanto dos seres vivos quanto dos mortos, a pergunta inicial que, naturalmente, surge é: será que esse dia está próximo?

Ademais, não conseguíamos ver lógica alguma em profecias cujos fatos aconteceriam em época futura, na qual todos os que ouviram o profeta já estariam mortos. Não havia, ninguém para comprovar que ele teria acertado a previsão.

Tom Harpur, ex-pastor anglicano, professor de grego e Novo Testamento na University of Toronto, em *O Cristo dos Pagãos*, afirma:

“[...] As profecias hebraicas, é preciso lembrar, não diziam respeito a predizer, profetizar, vaticinar, prognosticar, prenunciar, pressagiar, mas a *projetar* (isto é, estavam relacionadas com os problemas imediatos). [...]”

Em *Transformando Água em Vinho*, Tom Harpur arremata categórico:

“[...] O fim dos tempos não era um acontecimento distante (por exemplo, dois mil anos depois), mas algo imediato.”

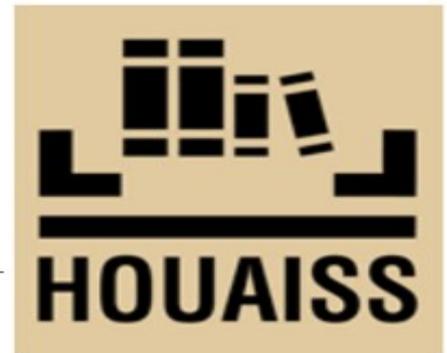
Um pouco mais à frente, informa que:

“[...] Orígenes, o grande estudioso da Bíblia e teólogo de Alexandria, no Egito, critica redondamente a tolice do que leem de maneira estritamente literal as passagens das Escrituras sobre o fim dos tempos ou o Juízo Final. [...].”

# apocalipse *(sXIV cf. IVPM)*

princ.

etim.



## substantivo masculino

**1** REL qualquer dos antigos escritos judaicos ou cristãos (esp. o último livro canônico do *Novo Testamento*, atribuído a São João) que contém revelações, em particular sobre o fim do mundo, e apresentadas, quase sempre, sob a forma de visões 🖱️ inicial maiúsc.

**2** p.ext. obra ou discurso obscuro, escatológico, aterrorizante

**3** p.ext.(da acp. 1) ; ART.PLÁST representação iconográfica das visões extraordinárias narradas pelo Apocalipse

**4** p.ext.(da acp. 1 e 2) revelação profética, esp. relacionada a um cataclismo em que as forças do mal vencem as forças do bem

**5** p.ext.(da acp. 1 e 2) qualquer revelação prodigiosa, digna de nota; profecia

**6** p.ext.(da acp. 1 e 2) grande cataclismo; fim do mundo

É certo que os judeus foram dominados por várias nações, eis as que nos interessam, que tomamos do artigo “Etapas da História de Israel”, de Nilo Luza, publicado no site da **Paulus**:

<b>País/povo</b>	<b>Período histórico</b>	<b>Profeta/autor</b>
Babilônia	587-538 a.C.	Ezequiel
Pérsia	538-333 a.C.	Zacarias
Gregos	333-165 a.C.	Daniel
Romanos	63 a.C.- séc. 4 <sup>o</sup> d.C.	João Evangelista

Todos esses personagens - Zacarias, Ezequiel, Daniel e João (?) - viviam em um momento político muito conturbado para o povo judeu, uma vez que estava subjugado por nações estrangeiras.

Na “Introdução” ao Apocalipse em *O Novo Testamento Interpretando Versículo por Versículo - Vol. 6*, Russell N. Champlin esclarece-nos:

“Os apocalipses judaicos [os livros de Daniel e de Apocalipse] foram escritos na época de Antíoco Epifânio e posteriormente, acompanhando as perseguições que houve naquele período histórico. Essa literatura apocalíptica teve a finalidade de dar aos homens a ‘esperança quanto ao futuro’, estando eles a passar por um presente difficílimo. Essa esperança contemplava particularmente o livramento através do vindouro Messias, bem como através do estabelecimento de seu reino.

§]→

Pode-se ver facilmente que, tal como no caso dos apocalipses cristãos, a literatura apocalíptica judaica conservava a necessidade psicológica de “saltar por cima” de um presente difícil, a fim de levar os homens a terem esperança e fé firme de que se cumpriria uma nova era de vitória e realizações espirituais, embora isso não dispensasse grande agonia. [...].  
[...].



A literatura apocalíptica, pois, tem um 'propósito presente'. Os fiéis necessitam de força espiritual para passar pelas aflições, desapontamentos e pressões desta era ímpia em que vivemos. Serão mais capazes disso se puderem antever a vitória, [...]. Os escritos apocalípticos prometem que os adversários de Deus não escaparão ao juízo por causa daquilo que fizeram, por seus feitos ímpios que praticaram. Além disso, promete que aquilo contra o que os perversos se têm oposto, o governo de Deus sobre a terra, [...] se cumprirá a despeito deles. [...] através dos juízos haverão de reconhecer a mão de Deus na história, acolhendo a seu Cristo como Senhor deles."

O jornalista espanhol Pepe Rodríguez, em *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*, esclarece-nos:

“Relativamente ao Apocalipse ou Revelação (que, na realidade, são termos sinónimos), importa salientar que se trata de **um livro que pertence a um género específico de escritos judaicos, chamados apocalípticos, que estiveram muito em voga por volta de 160 a.C.** e que se caracterizam pelo fulgor das suas visões e pela simbologia utilizada nos seus relatos. **Esta simbologia é, aliás, de origem babilónica e persa.**

§]→

Acontece, contudo, que os redactores judeus foram levados a ampliar e a adaptar esses símbolos para os poder utilizar no contexto monoteísta e messiânico peculiar em que viviam. Era um tipo de literatura que, muitas vezes, servia para conferir força dramática a factos ocorridos (ou que ainda estavam a acontecer) e igualmente para revestir de uma linguagem profética ocorrências ainda por sobrevir.”

A nossa percepção é que os hebreus sempre conviveram com a expectativa de que o seu deus fosse acabar com todos os outros deuses, já que o consideravam o Todo-Poderoso. O “Senhor dos Exércitos”, sem piedade, eliminaria todos os povos, para que os hebreus se apossassem de seus territórios. Nesse dia, seriam julgados os que adoravam aos outros deuses, ou seja, os ímpios. Seria a glória de Israel, como o povo eleito.



Dentro dessa perspectiva, invariavelmente todos os profetas do Antigo Testamento tinham suas revelações voltadas para essa supremacia do povo hebreu. E como Deus o escolheu, o certo é que faria tudo para demonstrar essa predileção. Quando ele se afastava de Deus, aparecia um profeta com a missão de reconduzi-lo ao caminho traçado por Deus.



É por isso que, várias vezes, aparece a expressão “*Dia de lahweh*”, como sendo um dia de julgamento de todos os povos. Como, na atualidade, esse dia, está impropriamente, a nosso ver, associado ao final dos tempos, devemos colocar os textos que fazem referência a ele.

Na *Bíblia Sagrada - Vozes*, temos a seguinte definição:

**“DIA DO SENHOR.** É o dia em que Deus vem para julgar. Este dia em geral é visto como um dia de punição para os pagãos, para os inimigos de Deus e de seu povo, e de salvação para Israel (cf. Is 13; Ez 71-27 e nota; Jl 4,9-14). Mais tarde os profetas anunciaram o dia do Senhor como punição também para Israel, para quem a eleição divina não é uma garantia incondicional (cf. Am 3,1s; 5.18 e nota). Segundo o NT este dia vai coincidir com o da vinda gloriosa de Cristo, para o qual se volta toda a esperança cristã (1Cor 18; 1Ts 524).

Na *Bíblia de Jerusalém*, explicam Amós 5,18, apresentando a evolução do conceito sobre esse dia:

“Israel, confiante em sua prerrogativa de povo escolhido (Dt 7,6+), espera intervenção de Deus, que só pode ser favorável. O profeta opõe a este esperado ‘Dia de Iahweh’ a concepção profética do ‘Dia de Iahweh’, dia de ira (Sf 1,15; Ez 22,24; Lm 2,22) contra Israel endurecido em seu pecado: trevas, lágrimas, massacres, terror (Am 5,18-20); 2,16; 8,9-10.13; Is 2,6-21; Jr 30,5-7; Sf 9,14-18, cf. Jl 1,15-20; 2,1-11). Todos esses textos mostram a ameaça de invasão devastadora (assírios, caldeus).

§]→

Durante o exílio, o Dia de Iahweh torna-se objeto de esperança; a ira de Deus volta-se contra todos os opressores de Israel: Ab 15; Babilônia: Is 13,6.9; Jr 50,27; 51,2; Lm 1,21; Egito: Is 19,16; Jr 46,10.21; Ez 30,2; Filisteia: Jr 47,4; Edom: Is 34,8; 63,4. Este dia marca, portanto, a restauração de Israel, já em 9,11, também em Is 11,11; 12,1; 30,26; cf. Jl 3,4; 4,1. Depois do exílio, o 'Dia de Iahweh' tende a tornar-se 'juízo' que assegura o triunfo dos justos e a ruína dos pecadores (MI 3,19-23; Jó 21,20; Pr 11,4) em perspectiva claramente universalista (Is 26,20-27,1; 33,10-16. Cf. tb. Mt 24,1+) – Sobre os sinais cósmicos que acompanham o Dia de Iahweh (cf. Am 8,9+).”

# **Antigo Testamento**

Amós 5,18-20: “Ai daqueles que desejam *o dia de lahweh!* Para que vos servirá o dia de lahweh? *Ele será trevas e não luz.* Como alguém que foge de um leão, e um urso cai sobre ele! Ou que entra em casa, coloca a mão na parede e a serpente o morde! Não é o dia de lahweh trevas e não luz? Sim, ele é escuridão, sem claridade!”

Na *Bíblia de Jerusalém*, lemos:

“[Amós] Prega no reinado de Jeroboão II (783-743 a.C.), época gloriosa, humanamente falando, em que o reino do Norte se estende e se enriquece, mas na qual o luxo dos grandes insulta a miséria dos oprimidos, e na qual o esplendor do culto disfarça a ausência de uma religião verdadeira. [...] **Amós condena em nome de Deus a vida corrupta das cidades**, as injustiças sociais, a falsa segurança posta em ritos, nos quais a alma não se compromete.

§]→

Iahweh, soberano Senhor do mundo, que castiga todas as nações, **punirá duramente a Israel**, obrigado por sua eleição a uma justiça moral maior. O 'Dia de Iahweh' (a expressão aparece aqui pela primeira vez) será trevas e não luz, **a vingança será terrível, executada por um povo que Deus chama; trata-se da Assíria**, que não é mencionada, mas ocupa o horizonte do profeta. Toda via Amós abre uma pequena esperança, a perspectiva duma salvação para a casa de Jacó, para o 'resto' de José (5,15: primeiro uso profético deste termo)."

Isaías 2,1-6: “Visão que teve Isaías, filho de Amós, a respeito de Judá e de Jerusalém. **Dias virão** em que o monte da casa de lahweh será estabelecido no mais alto das montanhas e se alçará acima de todos os outeiros. A ele acorrerão todas as nações, muitos povos virão, dizendo: ‘Vinde, subamos ao monte de lahweh, à casa do Deus de Jacó, para que ele nos instrua a respeito dos seus caminhos e assim andemos nas suas veredas.’ Com efeito, de Sião sairá a Lei, e de Jerusalém, a palavra de lahweh. **Ele julgará as nações, corrigirá muitos povos.** [...] Uma nação não levantará a espada contra a outra, e nem aprenderá a fazer guerra. [...] andemos na luz de lahweh!”

Na *Bíblia de Jerusalém*, lemos a seguinte explicação:

“O profeta Isaías nasceu por volta de 765 a.C. Em 740, ano da morte do rei Ozias, ele recebeu, no Templo de Jerusalém, sua vocação profética, a missão de anunciar a ruína de Israel e Judá como castigo das infidelidades do povo. Exerceu o ministério durante 40 anos, dominados pela ameaça crescente que a Assíria fazia pesar sobre Israel e Judá.”

Em outras palavras, também é fato da época, não sendo, portanto, para um futuro longínquo.

# Reino de Israel (930 a.C. — 722 a.C.)



Na *Bíblia Sagrada - Barsa*, vemos que relacionam esse tempo com algo fora do contexto:

*“Nos últimos dias: todo o período do N.T., desde a vinda do Cristo até o fim do mundo, é chamado na S. Escritura ‘os últimos dias’ porque depois dele não virá outro tempo, mas só a eternidade.”*

Ora, essa explicação foge completamente da realidade, numa interpretação moldada àquilo que o autor acreditava, ou seja, no julgamento final, que ocorrerá no suposto fim do mundo.

Miqueias 4,1-3: “E acontecerá, **no fim dos dias,** que a montanha da casa de lahweh estará firme no cume das montanhas e se elevará acima das colinas. Então, povos afluirão para ela, virão numerosas nações e dirão: ‘Vinde, subamos a montanha de lahweh, para a Casa do Deus de Jacó. Ele nos ensinará os seus caminhos e caminharemos pelas suas vias. Porque de Sião sairá a Lei, e de Jerusalém a palavra de lahweh’. **Ele julgará entre povos numerosos e será o árbitro de nações poderosas.** Eles forjarão de suas espadas arados, e de suas lanças, podadeiras. Uma nação não levantará a espada contra outra nação e não se prepararão mais para a guerra.”

Na *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, coerentemente nos informam que: “Estes três versículos encontram-se quase textualmente em Is 2,2ss.” A questão é: quem copiou de quem?

Na *Bíblia de Jerusalém*, lemos:

“Nada sabemos da vida de Miqueias, nem como ele foi chamado por Deus. [...] **É portador da palavra de Deus a qual é antes de tudo uma condenação.** Iahweh instaura o processo do seu povo e acha-o culpado: pecados religiosos, sem dúvida, mas sobretudo faltas morais, [...] **O castigo está decidido: no meio duma catástrofe mundial, Iahweh virá julgar e punir seu povo;** anuncia-se a ruína de Samaria, a das cidades da Planície em que vive Miqueias, e até mesmo a ruína de Jerusalém, que se transformará num montão de escombros.”

Sofonias 1,14-18: *“Está próximo o grande dia de lahweh! Ele está próximo, iminente! [...] Um dia de ira, aquele dia! Dia de angústia e de tribulação, dia de devastação e de destruição, dia de trevas e de escuridão, dia de nuvens e de negrume, dia da trombeta e do grito de guerra contra as cidades fortificadas e contra as ameias elevadas. Afligirei os homens e eles caminharão como cegos (porque pecaram contra lahweh); [...] No dia da cólera de lahweh, no fogo de seu zelo toda a terra será devorada. Pois ele destruirá, sim, ele exterminará todos os habitantes da terra.”*

Na *Bíblia de Jerusalém*, temos a seguinte explicação:

“A mensagem de Sofonias resume-se num anúncio do **Dia de Iahweh** (ver Amós), catástrofe que atingirá tanto as nações como Judá, condenado por suas faltas religiosas e morais, inspiradas pelo orgulho e pela revolta... O castigo das nações é uma advertência, que deveria reconduzir o povo à obediência e à humildade, e a salvação só é prometida a um ‘resto’ humilde e modesto.”

Ezequiel 7,1-11: “A palavra de lahweh me foi dirigida nestes termos: Filho do homem, dize: Assim fala o Senhor lahweh à terra de Israel: **O fim chegou! O fim para os quatro cantos da terra.** Agora chegou o teu fim: vou desencadear **a minha ira contra ti** e te julgarei de acordo com o teu comportamento; [...] Assim diz o Senhor lahweh: Eis que a desgraça chegou, uma desgraça sem igual. **Chegou o fim, chegou o fim; ele desperta contra ti, ei-lo que chega! Chegou a tua vez, sim, para ti, habitante da terra. O tempo está chegando, o dia está próximo.** Será a ruína e não mais o júbilo nos montes.

§]→

Agora mesmo, dentro de um instante **derramarei a minha ira sobre ti** e satisfarei em ti a minha cólera. Com efeito, hei de julgar-te segundo o teu comportamento, e farei vir sobre ti todas as tuas abominações. [...] Eis o dia, eis que chega a tua vez; ela chegou e cresceu; [...] A violência cresceu até tornar-se um flagelo de maldade... **O tempo vem, o dia se aproxima.** Não vá alegrar-se o comprador, não fique desolado o vendedor, porque **o furor atingirá a todos**, porque o vendedor não voltará ao seu vendido; cada um vive no seu pecado; nenhum deles procura exercer a sua força. [...].”

Na *Bíblia Sagrada – Vozes*, temos:

“Neste oráculo Ezequiel se dirige à “terra de Israel” (v. 1), isto é, a toda a população do país. O tema geral é o do “Dia do Senhor”, que está às portas. Neste dia o Senhor julgará o seu povo e porá fim à existência do reino de Judá, destruindo Jerusalém (v. 14-27). O texto hebraico está mal conservado.”

Zacarias 14,1-9: “Eis que vem *o dia de Iahweh*, quando em teu seio serão repartidos os teus despojos. *Reunirei todas as nações contra Jerusalém para o combate; a cidade será tomada, as casas serão saqueadas, as mulheres violentadas; a metade da cidade sairá para o exílio, mas o resto do povo não será eliminado da cidade. Então Iahweh sairá e combaterá essas nações, [...] E acontecerá, naquele dia, que não haverá mais luz, mas sim frio e gelo. Haverá um único dia – Iahweh o conhece –, sem dia e sem noite, mas à tarde haverá luz. [...]. E acontecerá, naquele dia, que sairá água viva de Jerusalém, metade para o mar oriental, metade para o mar ocidental, no verão e no inverno.”*

Malaquias 3,22-24: *“Lembrai-vos da Lei de Moisés, meu servo, a quem eu prescrevi, no Horeb, para todo Israel, estatutos e normas. Eis que vos enviarei Elias, o profeta, **antes que chegue o Dia de Iahweh, grande e terrível.** Ele fará voltar o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais, para que eu não venha ferir a terra com anátema.”*

Provérbio 13,9: *“A luz dos justos é alegre, a lâmpada dos ímpios se apaga.”*

Acreditamos que, em função do teor desse provérbio, é que passaram a entender o dia de lahweh com trevas, já que a luz está relacionada a justos e, por consequência, a escuridão aos maus. Ora, nesse dia, a ira de lahweh será descarregada contra os maus, segundo imaginavam.

Isaías 13,9-11: *“Eis o dia de lahweh, que vem implacável, e com ele o furor ardente da ira, reduzindo a terra a desolação e dela extirpando os pecadores. Com efeito, as estrelas do céu e Órion não darão a luz. O sol se escurecerá ao nascer, e a lua não dará a sua claridade. Punirei o mundo por causa de sua maldade e os ímpios por causa da sua iniquidade; porei fim à arrogância dos soberbos, humilharei a altivez dos tiranos.”*

Ezequiel 30,3.18: “Com efeito, está próximo o dia, *está próximo o dia de lahweh*. Será um dia de nuvens. Em Táfnis *o dia se tornará em trevas* quando eu quebrar ali o cetro do Egito e cessar a sua força presunçosa. [...].”

Ezequiel 32,7-8: “Ao morreres, cobrirei os céus e escurecerei as suas estrelas, *cobrirei o sol com as nuvens e a lua não dará a sua luz*. Escurecerei todos os astros do céu por tua causa e *espalharei as trevas sobre a tua terra*, oráculo de lahweh.”

Joel 2,1-2: *“Tocai a trombeta em Sião, dai alarme em minha montanha santa! Tremam todos os habitantes da terra, porque **está chegando o dia de lahweh! Sim, está próximo um dia de trevas e de escuridão, um dia de nuvens e de obscuridade! [...].”***

Amós 8,9: *“Acontecerá naquele dia, – oráculo de lahweh – que eu farei o sol declinar **em pleno meio-dia e escurecerei a terra em um dia de luz.”***

# **Novo Testamento**

Mateus 24,1-8: “Saindo do Templo, Jesus [...] disse-lhes: ‘Estais vendo tudo isto? Em verdade vos digo: não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja demolida’. Estando ele sentado no monte das Oliveiras, os discípulos se aproximaram dele, a sós, dizendo: ‘Dize-nos quando vai ser isso, e qual o sinal da tua Vinda e da consumação dos tempos’. O princípio das dores – Jesus respondeu: ‘[...] Haveis de ouvir sobre guerras e rumores de guerras. Cuidado para não vos alarmardes. É preciso que aconteçam, mas ainda não é o fim. Pois se levantará nação contra nação e reino contra reino. E haverá fome e terremotos em todos os lugares. Tudo isso será o princípio das dores.’”

Na *Bíblia Sagrada – Pastoral*, a explicação que nos oferecem, parece-nos, razoável; senão vejamos:

“Jesus anuncia a destruição do Templo de Jerusalém, acontecida no ano 70, e as batalhas que se verificaram entre os anos 66 a 70. O Templo era o símbolo da relação de Deus com o povo escolhido. Jesus salienta que o fim de uma instituição não significa o fim do mundo e nem o fim da relação entre Deus e os homens.”

Mateus 24,9-14: “Nesse tempo, vos entregarão à tribulação e vos matarão, e sereis odiados de todos os povos por causa do meu nome. E então muitos sucumbirão, haverá traições e guerras intestinas. E surgirão falsos profetas em grande número e enganarão a muitos. E pelo crescimento da iniquidade, o amor de muitos esfriará. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo. E este Evangelho do Reino será proclamado no mundo inteiro, como testamento para todas as nações. E então virá o fim.”

Na *Bíblia de Jerusalém*, ao explicarem essa passagem nos dizem:

“Os vv. 9-13 retomam os temas de 10,17-22 (que oferece um paralelo literal de Mc 13,9-13; Lc 21,12-19), mas introduzindo alguns elementos particulares que **parecem fazer eco à perseguição dos cristãos em Roma sob Nero, depois do incêndio de 64** (‘odiados de todos os povos por causa do meu nome’) e às traições e ódio mútuo entre as próprias vítimas (‘o amor de muitos esfriará’); cf. Tácito, Ann XV 44.”

Mateus 24,29-31.34: *“Logo após a tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão abalados. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem e todas as tribos da terra baterão no peito e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória. Ele enviará os seus anjos que, ao som da grande trombeta, reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma extremidade até a outra extremidade do céu. Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que tudo isso aconteça.”* (ver tb Mateus 16,28; Marcos 9,1; 13,30; Lucas 9,27; 21,32)

Vejamos esta nota explicativa constante da *Bíblia Sagrada – Vozes*, sobre Mateus 24,34:

“24,34: *Esta geração*. Refere-se aos contemporâneos de Jesus, dos quais muitos ainda presenciaram **a destruição de Jerusalém em 70 d.C.** A realização desta predição é garantida de que o fim do mundo e o juízo final se realizam (v. 35).”

Bem objetivamente. na *Bíblia Sagrada – Santuário*, dizem: “34. Com efeito, uns 40 anos após a morte de Cristo, Jerusalém foi destruída pelos romanos.”

1 Coríntios 10,9-12: “Não tentemos ao Senhor, como alguns deles tentaram, e morreram vítimas pelas serpentes. Não murmurem, como alguns deles murmuraram, e pereceram em mãos do anjo exterminador. Tais coisas aconteceram a eles como exemplo, e foram escritas para nossa instrução, *a nós que vivemos no fim dos tempos*. Portanto, aquele que julga estar em pé, tome cuidado para não cair.”

1 Pedro 4,4-7: “Agora estranham que não vos entregueis à mesma torrente de perdição, e vos cobrem de injúrias, mas disto hão de dar contas àquele que está prestes a julgar os vivos e os mortos. Eis porque o evangelho foi pregado também aos mortos, a fim de que sejam julgados como os homens na carne, mas vivam no espírito, segundo Deus. **O fim de todas as coisas está próximo.** Levai, pois, uma vida de autodomínio e de sobriedade, dedicada à oração.”

Sobre essa epístola de Pedro, em a *Bíblia Sagrada - Pastoral*, dizem-nos:

“Em todo o capítulo 4 transparece a mentalidade apocalíptica, isto é, a convicção de que se aproxima do fim dos tempos (v.7), quando se dará a luta final entre o bem e o mal, a vitória definitiva do bem e o julgamento de Deus sobre os homens. Essa expectativa provoca a firme resistência daqueles que são perseguidos por não quererem se deixar levar pelo mal. Eles se engajam na luta pelo bem, para poderem participar da vitória final e se apresentar como testemunhas fiéis no julgamento. [...].”

Na obra *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*, Pepe Rodríguez faz algumas considerações interessantes:

“[...] Jesus não perdeu um minuto sequer a organizar uma seita, ou uma Igreja, porque, como, de facto, o disse com clareza meridiana, estava convencido de que o mundo, tal como era conhecido, estava a chegar ao seu termo, termo esse, aliás, que ocorreria num lapso de tempo inferior a uma geração: ‘Em verdade vos digo que há alguns dos que aqui estão que não provarão a morte antes da vinda do reino de Deus’ (Lc 9,27).



A crença na iminência do Juízo Final – e na substituição do mundo pelo ‘reino de Deus’ – era, de facto, partilhada por muitos judeus de então que, durante grande parte do século I, mantiveram os olhos fixos na proximidade desse momento. Veja-se o próprio Paulo. Em I Cor 10,11, considera esse final dos tempos como contemporâneo, quando escreve: ‘Todas essas coisas lhes aconteceram em figura e foram escritas para nos instruir, a nós que estamos chegando ao fim dos tempos’ (2). O mesmo se passou com Pedro que, em I Ped 4,7, não deixa de avisar: §]→

‘Está perto o fim de tudo. Sede, pois, discretos e sóbrios relativamente à oração’. Pedro e Paulo, pilares básicos, ainda que opostos, do cristianismo primitivo, não duvidaram da proximidade do fim, o que não impediu que muitos dos seus cor-religionários começassem a perder a paciência, à medida que viam passar os anos sem que se cumprisse a promessa de Jesus de voltar em breve a presidir ao dia desse fim.”

# Referência bibliográfica:

SILVA NETO SOBRINHO, P. Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta, disponível em:  
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/747-apocalipse-autoria-advento-e-a-identificacao-da-besta-ebook>

## Imagem:

Reino de Israel e Judá:

[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/1/1e/Kingdoms\\_of\\_Israel\\_and\\_Judah\\_map\\_830-pt.svg/570px-Kingdoms\\_of\\_Israel\\_and\\_Judah\\_map\\_830-pt.svg.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/1/1e/Kingdoms_of_Israel_and_Judah_map_830-pt.svg/570px-Kingdoms_of_Israel_and_Judah_map_830-pt.svg.png)



**204 páginas**

Não seguro | [www.paulosnetos.net](http://www.paulosnetos.net)



*Paulo Neto*

"A mente que se abre a uma nova ideia, jamais volta à sua dimensão original." (Albert Einstein)

Início

Perfil

Artigos

Livros



ARTIGOS REFUTADOS

+Detalhes



E-BOOKS

+Detalhes

**Site:**

**[www.paulosnetos.net](http://www.paulosnetos.net)**

**E-mail:**

**[paulosnetos@gmail.com](mailto:paulosnetos@gmail.com)**

Parte II

# Apocalypse:

autoria, advento e a  
identificação da besta

**“O Espiritismo é uma doutrina liberal,  
emancipadora da inteligência, inimiga  
da fé cega.”**

*(ALLAN KARDEC, Revista Espírita 1868)*

# **Tópicos:**

- **Introdução**

## **Parte I**

- **Antigo Testamento**
- **Novo Testamento**

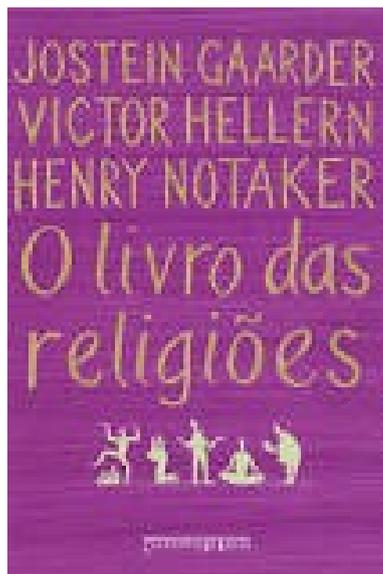
## **Parte II**

- **O designado Apocalipse de João**
- **Quem foi o autor do Apocalipse**
- **Do que trata o gênero literário apocalíptico?**
- **Identificação da Besta: a quem se refere o nº 666?**
- **Conclusão**

# **O designado Apocalipse de João**

Apocalipse 1,1-3: “Revelação de Jesus Cristo: Deus Iha concedeu para que mostrasse aos seus servos **as coisas que devem acontecer muito em breve.** [...]. Feliz o leitor e os ouvintes das palavras desta profecia, se observarem o que nela está escrito, pois **o tempo está próximo.**”

Apocalipse 22,10-12: “E acrescentou: ‘Não retenhas em segredo as palavras da profecia deste livro, pois **o tempo está próximo.** Que o injusto cometa ainda a injustiça e o sujo continue a santificar-se; que o justo pratique ainda a justiça e que o santo continue a santificar-se. **Eis que eu venho em breve,** e trago comigo o salário para retribuir a cada um segundo o seu trabalho.’”



Em *O Livro das Religiões*, de autoria de Jostein Gaarder, Victor Hellern e Henry Notaker, temos no cap. “Religiões surgidas no Oriente Médio: monoteísmo”, o tópico “O Apocalipse (ou a Revelação)”, no qual lemos:

“No fim do Novo Testamento está a Revelação de João, que, assim como o Livro de Daniel, é um apocalipse, um tipo de literatura conhecido na época. O Apocalipse se compõe de uma série de visões que evocam imagens de uma dramática cena final. Distingue-se do Livro de Daniel, que é seu equivalente apocalíptico judaico, de duas maneiras importantes.

§]→

Em primeiro lugar, é um livro *cristão*, no qual Cristo irá assumir definitivamente o controle e vencer o mal; em segundo lugar, no Apocalipse o fim do mundo já começou. Não se trata de algo que ocorrerá num futuro distante. Depois da obra de Jesus pela salvação, já teve início a batalha decisiva entre o bem e o mal.

O Apocalipse de João é, pois, mais que uma escritura profética. Redigido durante as perseguições contra os cristãos travadas no reinado (81-96) do imperador Domiciano, descreve a situação dos cristãos da época, constantemente ameaçados de martírio. Acima de tudo, portanto, é uma escritura consoladora destinada aos cristãos que viviam naquele período atribulado. §]→

Nela, o Estado romano é chamado de ‘a besta’, ‘o dragão’ ou ‘a grande prostituta’. Mas no embate final Cristo, o Cordeiro, vencerá as forças da escuridão. O livro chega então ao final com uma visão de ‘um novo céu e uma nova terra’.

Com suas imagens nascidas de uma necessidade histórica, o Apocalipse é pouco familiar aos leitores modernos e já recebeu variadas interpretações através dos tempos. **Pode-se dizer que nenhum outro livro da Bíblia tem sido tão mal-empregado.** Com sua fé em Deus claramente expressa, levando a uma vitória final do bem sobre o mal, [...].”

Na *Bíblia Sagrada - Pastoral*, se afirma:

“O Apocalipse é de compreensão difícil, porque o autor faz largo uso de imagens, símbolos, figuras e números misteriosos. Isso pode ser facilmente entendido, quando vemos que o livro nasce dentro de uma situação difícil: o povo de Deus está sendo oprimido, perseguido e vigiado pelas estruturas de poder. Em tais circunstâncias não se pode falar claro principalmente porque o autor pretende mostrar a situação real e traçar uma estratégia de resistência e ação. As comunidades a que ele se dirige entendem essa linguagem, pois estão familiarizadas com o Antigo Testamento, onde o autor vai buscar os símbolos.”

**Quem foi o autor do Apocalipse?**

No próprio Novo Testamento temos a informação de que João, o suposto autor do Apocalipse, era analfabeto em relação à sua língua nativa:

Atos 4,13: *“Ao verem a intrepidez de **Pedro e João**, sabendo que eram homens **iletrados e incultos**, admiraram-se; [...].”*

Então cabe a pergunta: Como João, um simples pescador, sendo “iletrado e inculto” poderia escrever um texto rebuscado quanto o Apocalipse e ainda por cima na língua grega?

Na obra *Como Jesus se tornou Deus*, Bart D. Ehrman explica que:

“O cristianismo surgiu no império romano logo após a morte de Jesus, por volta do ano 30 d.C. **A cultura grega impregnava por completo a metade do leste do império** – tanto que a língua comum do império no leste, **a língua em que todo o Novo Testamento de fato foi escrito, era o grego**. Assim, para entender os pontos de vistas dos primeiros cristãos, **precisamos situá-los em seu contexto histórico e cultural, o que significa os mundos grego e romano. [...].”**

Os tradutores da *Bíblia de Jerusalém*, em a “Introdução ao Apocalipse”, explicam:

“Os apocalipses tiveram grande êxito em certos ambientes judaicos (inclusive entre os essênios de Qumrã) nos dois séculos que precederam a vinda de Cristo. Preparado já pelas visões de profetas como Ezequiel ou Zacarias, o gênero apocalíptico desenvolveu-se no livro de Daniel e em numerosas obras apócrifas escritas em torno da era cristã. **O Novo Testamento guardou em seu cânon apenas um apocalipse, cujo autor menciona seu próprio nome: João (1,9),** que o escreveu exilado na ilha de Patmos, por causa de sua fé em Cristo.

Uma tradição, representada já por são Justino e amplamente difundida no fim do séc. II (santo Ireneu, Clemente de Alexandria, Tertuliano, o Cânon de Muratori), identifica-o com o apóstolo João, autor do quarto evangelho. Mas até o séc. V as Igrejas da Síria, Capadócia e mesmo da Palestina não parecem ter incluído o Apocalipse no cânon das Escrituras, prova de que não o consideravam obra de um apóstolo; certo Caio, sacerdote romano do começo do séc. III, chegou a atribuí-lo ao herege Cerinto, mas talvez por razões polêmicas.

§]→

Por outro lado, se o Apocalipse de João apresenta parentesco inegável com os outros escritos joaninos, também se distingue claramente deles por sua linguagem, seu estilo e por certos pontos de vista teológicos (referentes sobretudo à Parusia de Cristo), **a tal ponto que se torna difícil afirmar que procede imediatamente do mesmo autor.** Não obstante tudo isso, sua inspiração é joanina, e foi escrito por alguém do círculo de discípulos imediatos do apóstolo e está impregnado de seu ensinamento. Não se pode duvidar de sua canonicidade.

§]→

Quanto à data de composição, admite-se bastante comumente que tenha sido composto durante o reinado de Domiciano, pelo ano 95; outros, e não sem alguma probabilidade, creem que, pelo menos, algumas partes já estariam redigidas desde o tempo de Nero, pouco antes de 70.”

Na *Bíblia do Peregrino*, lemos:

“**Quem escreve se autodenominou João** (1,1.4.9; 22,8), e diz estar confinado numa ilha por confessar Jesus Cristo. **Sendo João um nome tão frequente, presta-se a múltiplas identificações.** Na Antiguidade se apresentou o apóstolo e evangelista, por sua autoridade apostólica, garantia de canonicidade, e por ser escritor. As dúvidas e negações surgiram quando se começou a desviar a interpretação do milênio (Dionísio de Alexandria, morto em 264, e Eusébio de Cesareia).

§]→

Hoje continuamos a unir esse livro às cartas e ao evangelho num “corpo joanino”; mas são poucos os que atribuem esse livro ao apóstolo João, embora convergem como válido o nome de outro João. O autor se diferencia dos apóstolos (18,20: 21,14). As coincidências de linguagem com o evangelho de João não são numerosas – a mais notável é o título de Cordeiro para designar Jesus Cristo – e se explicam facilmente se o autor pertenceu ao círculo de João.”

Na *Bíblia Sagrada - Vozes*, lemos o seguinte:

“O autor se apresenta como ‘João’ (1,1.4.9; 22,8), alguém bem conhecido dos leitores. Justino (150 dC) o identifica com João apóstolo, opinião que se tomou comum no II e III séculos. As dúvidas sobre a origem apostólica e canonicidade do livro começaram no III século devido ao uso que dele fizeram as heresias do montanismo e milenarismo. Em consequência, o livro foi atribuído a João, presbítero de Éfeso. A tradição em geral concorda em atribuir o Ap ao apóstolo João. Os exegetas contemporâneos estão divididos.

§]→

Uns negam, em razão das diferenças de linguagem e teologia, que a mesma pessoa tenha escrito o IV Evangelho e o Ap; outros pensam que Jo e o Ap dependem do apóstolo, mas foram redigidos por um discípulo de João. Outros, ainda, supõem duas ou mais etapas de redação do Ap, entre 70 e 96 dC. O certo é que o Ap foi escrito por um profeta judeu-cristão, chamado João (talvez o presbítero João de Éfeso, mencionado por Papias), e que viveu algum tempo na Ásia Menor, durante o governo do imperador Domiciano (81-96).”

Pepe Rodríguez, jornalista de investigação, em *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*, explica:

“[...] Resta João Zebedeu que foi, também ele, apóstolo. Acontece, contudo, que o Evangelho de João e o Apocalipse não são obra sua, mas de um outro João. Foram escritos por um tal João, o Ancião, um grego cristão que se baseou não só em textos hebreus e essênios, como nas recordações que conseguiu obter de João, o Sacerdote, identificado como “o discípulo amado” de Jesus (mas que não é João Zebedeu), um sacerdote judeu muito amigo de Jesus que foi viver para Éfeso e onde veio a morrer em idade muito avançada. [...]”

Nessa obra, Pepe Rodríguez cita *El Nuevo Testamento Original* de Hugh J. Schonfield:

“Como escreve Schonfield, ‘A Revelação (ou Apocalipse) de Jesus Cristo é um espécime tão extraordinário desta literatura [género literário apocalíptico], que o seu autor, além de ser forçosamente um especialista, tinha de estar intimamente familiarizado com o templo e os seus mistérios, e ser perito na interpretação escatológica do Cântico de Moisés (Dt 32). Esse autor pensa em hebreu, e os sons de certas palavras hebraicas entram nas suas visões. O grego de que se serve não é particularmente literário.

§]→

Se o nome de João, com que o livro designa o vidente e narrador, não for um pseudónimo, poderá com toda a propriedade designar João, o *Sacerdote*, ‘o discípulo dilecto’ de Jesus [...], discípulo do pregador profético dos Últimos Tempos, João Baptista, o que torna muito provável a sua associação com os grupos místico-proféticos judeus, assim como com os essénios. O quarto Evangelho sugere também que esse autor pertencia a uma família sacerdotal, [...] dado ser pouco verosímil que alguém que não fosse sacerdote soubesse tanto a respeito do Templo de Jerusalém, como mostra saber o autor da Revelação’.”

Geza Vermes, considerado um dos maiores especialistas acadêmicos sobre Manuscritos do Mar Morto e história do cristianismo, em *As Várias Faces de Jesus*, diz:

“O Livro da Revelação ou Apocalipse se pretende obra de um visionário chamado João (Ap 1:1, 4, 9; 22:8), recipiente de revelações na ilha egeia de Patmos, na costa asiática da Turquia. Ele pertencia à escola do autor do Quarto Evangelho sem ser exatamente a mesma pessoa. A identidade do autor e o caráter canônico dos escritos foram objeto de uma controvérsia que perdurou por alguns séculos na igreja primitiva, mas finalmente o Livro da Revelação acabou fazendo parte do Novo Testamento. →

Existem vínculos claros entre este trabalho e o Evangelho de João. Cristo é comumente designado pelo símbolo joanino “o Cordeiro”, e uma vez é chamado de “o Verbo de Deus” (Ap 19:13). Por outro lado, **linguisticamente é impossível atribuir as duas composições a um único autor, e a estrutura conceitual geral da Revelação é totalmente diferente do Evangelho; trata-se de um texto apocalíptico judeu adaptado para crentes em Jesus Cristo.** Suas imagens apocalípticas evocam frequentemente os Manuscritos do Mar Morto. [...].”

Temos no israelense David Flusser uma explicação inusitada para a autoria do Apocalipse. Flusser foi professor de cristianismo primitivo e judaísmo do período do segundo templo da Universidade Hebraica de Jerusalém, autor da obra *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo – Vol. II*, da qual transcrevemos:

“O Livro do Apocalipse, o último do Novo Testamento, foi escrito por um judeu-cristão depois da destruição do Templo, na época do imperador Domiciano. Documento da literatura apocalíptica, seu caráter basicamente judaico foi reconhecido: está escrito na tradição dos apocalípticos judeus.

§]→

**A composição do livro é estranha:** embora ele termine com a descrição da salvação final, é impossível encontrar nele algum fio concreto da narrativa. Os acontecimentos contidos no Livro do Apocalipse têm, muitas vezes, seu próprio peso, e tem-se a sensação de que houve repetições no livro. **Isso é causado pelo fato de que há aqui fragmentos de esquemas escatológicos, seguindo-se uns aos outros ou entrelaçados uns nos outros. Essa situação incomum é causada pelo fato de que o autor utilizou várias fontes e uniu-as, resumindo-as,** usando apenas parte delas e misturando a elas os fragmentos que ele mesmo criou e reescreveu parcialmente?”

**Do que trata o gênero literário  
apocalíptico?**

Bart D. Ehrman, em *Evangelhos Perdidos*, fala so-bre o gênero literário apocalíptico:

“Os apocalípticos judaicos, porém, sustentavam que Deus logo interviria e derrotaria essas forças do mal em uma demonstração cataclísmica de poder, destruindo todos que se lhe opusessem, incluindo os reinos que estavam causando o sofrimento do seu povo. Ele traria então um novo reino, no qual não haveria mais pecado, sofrimento, mal ou morte. Esses apocalípticos sustentavam que os que estavam sofrendo precisavam aguentar só um pouco mais, pois Deus logo os defenderia e lhes daria uma recompensa eterna em seu Reino.

Quando seria esse logo? ‘Em verdade vos digo que, dos que aqui estão, alguns há que não provarão a morte sem que vejam chegando o Reino de Deus com poder.’ Essas são palavras de Jesus (Mc 9:1), provavelmente o apocalíptico judeu mais famoso da Antiguidade. Ou, como ele diz mais tarde: ‘Em verdade vos digo, não passará essa geração sem que todas essas coisas aconteçam’ (Mc 13:30).”

De *O Apocalipse é História*, de autoria do escritor Sebastião Pinheiro Martins, transcrevemos:

“[...] Para seus primeiros leitores cristãos, contudo, não teria havido muita dúvida de que aquelas visões proféticas relatadas por João **não só diziam respeito a fatos que ocorreriam em breve, mas que também retratavam a presente situação em que viviam e mesmo o passado recente do Império Romano. [...].**

Se hoje o Apocalipse nos parece de difícil leitura, isso se deve apenas à nossa distância cultural e histórica dos eventos ali relatados, uma vez que **o livro remete a fatos ocorridos nas últimas décadas do século I. [...].**

Partindo dessas premissas, defendo aqui, neste ensaio, a hipótese de que o Livro do Apocalipse não deve ser interpretado como profecia de um Juízo Final a se cumprir séculos depois de ter sido escrito, mas como um retrato alegórico da situação histórica testemunhada por seu autor. [...].”

Na “Introdução” ao livro Apocalipse da *Bíblia de Jerusalém* os tradutores dizem:

“[...] é indispensável, para bem compreender o Apocalipse, reinseri-lo no ambiente histórico que lhe deu origem: um período de perturbações e de violentas perseguições contra a Igreja nascente. Pois, do mesmo modo que os apocalipses que o precederam (especialmente o de Daniel) e nos quais manifestamente se inspira, é escrito de circunstância, destinado a reerguer e a robustecer o ânimo dos cristãos, escandalizados, sem dúvida, pelo fato de que perseguição tão violenta se tenha desencadeado contra a Igreja daquele le que afirmara: ‘Não temais, eu venci o mundo’ (Jo 16,33).

Para levar a efeito seu plano, João retoma os grandes temas proféticos tradicionais, especialmente o do “Grande Dia” de Iahweh (cf. Am 5,18+): ao povo santo, escravizado sob o jugo dos assírios, dos caldeus e dos gregos, dispersado e quase destruído pela perseguição, os profetas anunciavam o dia da salvação, que estava próximo e no qual Deus viria libertar o seu povo das mãos dos opressores, devolvendo-lhes não apenas a liberdade, mas também poderio e domínio sobre seus inimigos, que seriam por sua vez castigados e quase destruídos.

§]→

No momento em que João escreve, a Igreja, o novo povo eleito, acaba de ser dizimada por sangrenta perseguição (6,10-11; 13; 16,6; 17,6), desencadeada por Roma e pelo império romano (a Besta), mas por instigação de Satanás (12; 13,2-4), o Adversário por excelência de Cristo e do seu povo. [...].”

Na *Bíblia do Peregrino*, encontramos o seguinte:

“A primeira palavra do texto é apocalipse, o que equivale à definição de livro para sua classificação, porque **o apocalipse é um gênero bem definido**. No AT tem só um representante, Daniel, o resto são apócrifos. **O apocalíptico se coloca numa conjuntura de mudança ou sobressalto decisivo. Olha para o passado e o divide em etapas sucessivas; contempla um presente de perigo e angústia crescentes, e abre a cortina do futuro próximo: o julgamento divino solene e a instauração do reinado do Senhor.**

§]→

Agora entra a ficção: o autor se finge um personagem antigo, o passado reduzido a períodos se apresenta como predição, o futuro é predição. Até aqui o trabalho é intelectual; agora começa, com variável êxito, o trabalho da fantasia. Os períodos são traduzidos em imagens coerentes e articuladas; o futuro próximo, por ser desconhecido, se descreve com imagens convencionais.

[...].

O autor quer avisar e alentar seus irmãos cristãos para a grave prova que se avizinha. Já houve perseguições e mártires (2,13; 6,9); sobrevém a grande prova dos fiéis (3,10), quando o imperador exige adoração e entrega (13,4,16-17; 19,20). [...].”

Da *Bíblia Sagrada - Vozes* trazemos a seguinte explicação:

“O livro foi escrito em período de crise (6,9-11) e de violenta perseguição (7,9-14) na qual muitos cristãos perderam a vida. As perseguições de Nero (64-68) e de Domiciano (81-96) provocaram sérias dúvidas nos fiéis sobre a realidade do reino de Deus, o valor da morte de Cristo e o triunfo do Ressuscitado sobre as forças do mal (Jo 16,33). [...].



O Ap é antes de tudo um livro de seu tempo, escrito a partir de seu tempo e para o seu tempo, e não propriamente para as gerações futuras. Mas é válido para todos os tempos, pois fornece um certo número de dados e reflexões histórico-teológicas de perene atualidade. Eles condicionam e iluminam o drama da luta incessante de Satã contra Deus e o seu povo.”

Iakov Abramovict Lentsman , historiador soviético, em *A Origem do Cristianismo*, afirmou:

“O Apocalipse fala com insistência do Juízo Final e do triunfo da verdadeira fé com data muito próxima, e tem o cuidado de prevenir, desde as primeiras linhas, que ‘as coisas que ele vai revelar devem acontecer logo’ (Apocalipse 1,1) [...] O Apocalipse de João, como os apocalipses devidos a outros autores, dedica-se a descrever, e com o maior número possível de detalhes concretos, as punições que o céu reserva aos incrédulos, a luta contra os demônios, as cenas do Juízo Final, e, finalmente, a beatitude dos fiéis na nova Jerusalém, ‘descida do céu’.



Esse era um meio extremamente atuante de propaganda religiosa, tanto para estimular a fé dos cristãos, como para converter aos pagãos. Quanto mais próximo parecia o dia do Juízo Final, mais adeptos conquistaria a predicação do cristianismo...

Os primeiros cristãos nutriam a esperança de ser recompensados ainda durante a sua vida, por sua fidelidade aos ensinamentos do Cristo. Esta esperança da recompensa para os justos, e de castigo para os pecadores, representados por Roma e suas classes exploradoras, num futuro próximo, tornava o cristianismo primitivo radicalmente diferente das religiões precedentes.”

O Apocalipse não escapou da tentativa de ser ligado a profecias (supostas) do Antigo Testamento, senão vejamos o que nos informa Pe. Matos Soares, tradutor da *Bíblia Sagrada - Paulinas*, edição de 1980:

“Quanto à composição do livro, convém frisar sobretudo isto: que do início ao fim (especialmente nas visões) vêm à tona símbolos, cenas e locuções tomadas de vários livros do Antigo Testamento, principalmente de Ezequiel e de Daniel.

§]→

Poder-se-ia comparar o Apocalipse a um grandioso mosaico, cujas pedrinhas **provêm do vasto repertório dos antigos autores bíblicos**, mas reordenadas e dispostas segundo um harmonioso projeto, absolutamente novo e original. Esse fato, além de nos dissuadir de procurar outras fontes fora da Bíblia para o Apocalipse; é também um modo indireto de insinuar que nos acontecimentos anunciados se realizarão decisiva e plenamente as profecias do Antigo Testamento.”

**Identificação da Besta:  
a quem se refere o nº 666?**

Os tradutores da *Bíblia de Jerusalém*, na Introdução ao Apocalipse, identificam a besta no seguinte trecho:

“[...] No momento em que João escreve, a Igreja, o novo povo eleito, acaba de ser dizimada por sangrenta perseguição (6,10-11; 13; 16,6; 17,6), desencadeada por Roma e **pelo império romano (a Besta)**, mas por instigação de Satanás (12; 13,2-4), o Adversário por excelência de Cristo e do seu povo. [...]”

Na *Bíblia do Peregrino*, temos a seguinte explicação para o versículo 13,18 de Apocalipse:

“[...] Em 13,18 se lê a famosa transposição numérica do nome: **666 corresponde às consoantes de *neron kaisar***. Pois bem, Nero não perseguiu os cristãos enquanto tais, mas como vítimas expiatórias do incêndio de Roma. **Domiciano**, porém, exigiu em todo o seu império honras divinas, ‘nosso Deus e Senhor’, em todo o seu império, e declarou delito capital o recusar a adoração. A lenda o considerou como um Nero redi-vivo (13,3). A maioria dos comentaristas se inclina por essa data.”

Na *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, explica-nos:

“Seiscentos e sessenta e seis; ou 616. Temos aí provavelmente um meio discreto para designar aos cristãos da Ásia, familiarizados com esses cálculos, um imperador, sem expor-se às acusações de lesa-majestade. Mas hoje temos perdido a chave do enigma; deixando de lado várias divagações, **uma das interpretações mais prováveis desse número é César Nero**, tomado como um tipo dos perseguidores. Demais, três seis sugerem simbolicamente um domínio falho, inferior à perfeição expressa pelo número 7.”



# Nero

Por **Ana Luíza Mello Santiago de Andrade**

*Graduada em História (Udesc, 2010)*

*Mestre em História (Udesc, 2013)*

*Doutora em História (USP, 2018)*

**Nero** (Nero Cláudio César Augusto Germânico, 37-68 d.C.) foi um jovem imperador romano, que subiu ao poder em 56 d.C., aos dezessete anos, e governou até o ano de 68 d.C., quando faleceu. Embora tenha ficado conhecido pela história que se conta sobre a sua participação no incêndio que destruiu Roma, Nero pode ser caracterizado como um imperador tirano, mas admirador das artes e da cultura.

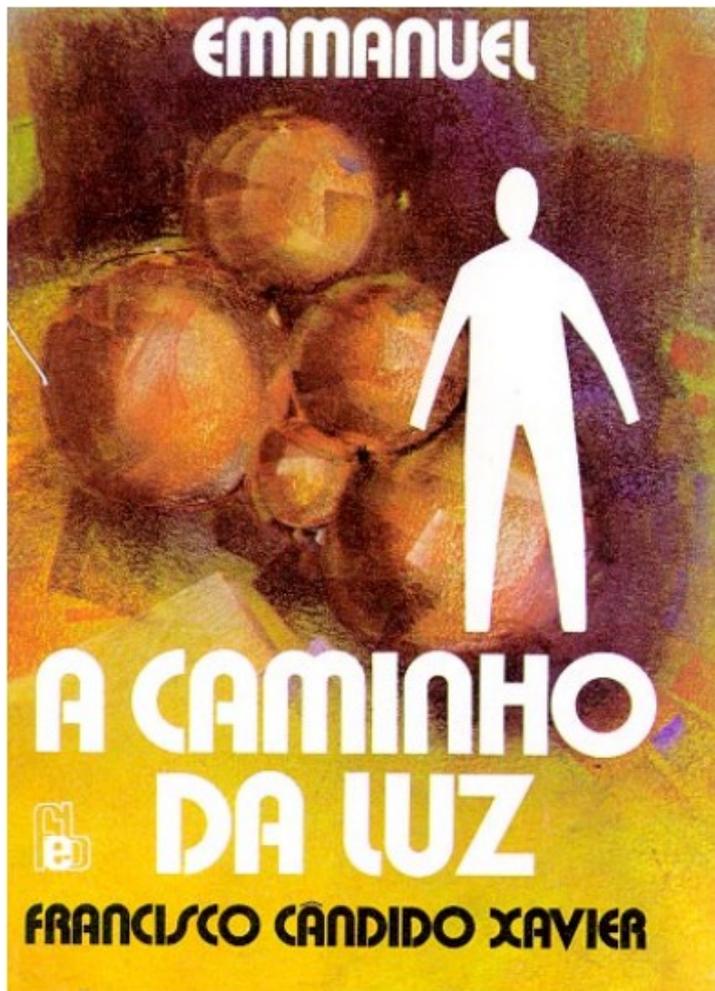
Na *Bíblia Sagrada - Barsa*, em nota de rodapé, relativo ao passo Apocalipse 13,18, lemos:

“**Seiscentos e sessenta e seis:** se o significado deste número era de fácil compreensão para os leitores de S. João que tinham elementos para interpretá-lo com segurança, não acontece o mesmo conosco. **A interpretação tida hoje como mais provável é que vê nele a representação do nome Cesar Nero, escrito com letras hebraicas.** A soma dos números correspondentes a essas letras perfaz o total de 666.”

Bart D. Ehrman, em *O Problema Com Deus*, argumenta que:

“Um leitor antigo inteligente não teria dificuldade de saber a quem o número faz referência. Linguagens antigas como o grego e o hebraico usavam letras do alfabeto para os números [...]. A primeira letra era “um”, a segunda “dois”, e assim por diante. O autor do Apocalipse está indicando que se você pegar as letras do nome dessa pessoa, elas somarão 666. Em dado nível isso é muito simbólico. [...]. O triplo seis é alguém distante da perfeição de Deus: é um número que simboliza o que está mais distante de Deus. Mas quem é? →

Se a besta do capítulo 17 com sete cabeças e dez chifres é Roma, é provável que esta besta do capítulo 13 também seja. Este é o grande inimigo dos santos. Quem em Roma era considerado o grande inimigo dos cristãos? O primeiro imperador a perseguir os cristãos foi César Nero. Por acaso, corria por todo o império romano o boato de que Nero iria retornar dos mortos para devastar o mundo ainda mais do que tinha feito quando vivo da primeira vez. Soa como alguém que recebeu 'um golpe mortal' mas se recuperou, como é dito desta besta. **Mas o mais impressionante é o próprio número da besta. Quando você soletra o nome César Nero em letras hebraicas e as soma, elas totalizam 666."**



Em *A Caminho da Luz*, no cap. XIV - A Edificação Cristã, Emmanuel, o autor espiritual, no tópico intitulado "Identificação da besta apocalíptica", lemos:

“**Quanto ao número 666**, sem nos referirmos às interpretações com os números gregos, em seus valores, devemos recorrer aos algarismos romanos, em sua significação, por serem mais divulgados e conhecidos, explicando que **é o Sumo-Pontífice da igreja romana** quem usa os títulos de ‘VICARIVS GENERALIS DEI IN TERRIS’, ‘VICARIVS FILII DEI’ e ‘DVX CLERI’ que significam ‘Vigário-Geral de Deus na Terra’, ‘Vigário do Filho de Deus’ e ‘Príncipe do Clero’. Bastará ao estudioso um pequeno jogo de paciência, **somando os algarismos romanos encontrados em cada título papal a fim de encontrar a mesma equação de 666**, em cada um deles.”

# Conclusão

De *A Gênese*, tópicos “Sinais Precursores” e “Juízo Final”, transcrevemos:

“54. - É evidentemente alegórico este quadro do fim dos tempos, como a maioria dos que Jesus compunha. Pelo seu vigor, as imagens que ele encerra são de natureza a impressionar inteligências ainda rudes. [...].

Por isso mesmo, os judeus, que esperavam no Messias um rei terreno, mais poderoso do que todos os outros reis, destinado a colocar-lhes a nação à frente de todas as demais e a reerguer o trono de David e de Salomão, não quiseram reconhecê-lo no humilde filho de um carpinteiro, sem autoridade material.”

“55. - É de notar-se que, entre os antigos, os tremores de terra e o obscurecimento do Sol eram acessórios forçados de todos os acontecimentos e de todos os presságios sinistros. Com eles deparamos, por ocasião da morte de Jesus, da de César e num sem-número de outras circunstâncias da história do paganismo. [...]. Aqui, acrescenta-se a queda de estrelas do céu, como que a mostrar às gerações futuras, mais esclarecidas, que não há nisso senão uma ficção, pois que agora se sabe que as estrelas não podem cair.”

“64. – A doutrina de um juízo final, único e universal, pondo fim para sempre à Humanidade, repugna à razão, por implicar a inatividade de Deus, durante a eternidade que precedeu à criação da Terra e durante a eternidade que se seguirá à sua destruição. Que utilidade teriam então o Sol, a Lua e as estrelas que, segundo a Gênese, foram feitos para iluminar o mundo? Causa espanto que tão imensa obra se haja produzido para tão pouco tempo e a benefício de seres votados de antemão, em sua maioria, aos suplícios eternos.”

“66. – Moralmente, um juízo definitivo e sem apelação não se concilia com a bondade infinita do Criador, que Jesus nos apresenta de contínuo como um bom Pai, que deixa sempre aberta uma senda para o arrependimento e que está pronto sempre a estender os braços ao filho pródigo. [...].

Ao demais, se o juízo final houvesse de apanhar de improviso os homens, em meio de seus trabalhos ordinários, e grávidas as mulheres, caberia perguntar-se com que fim Deus, que não faz coisa alguma inútil ou injusta, faria nascessem crianças e criaria almas novas naquele momento supremo, no termo fatal da Humanidade. §]→

Seria para submetê-las a julgamento logo ao saírem do ventre materno, antes de terem consciência de si mesmas, quando, a outros, milhares de anos foram concedidos para se inteirarem do que respeita à própria individualidade? Para que lado, direito ou esquerdo, iriam essas almas, que ainda não são nem boas nem más e para as quais, no entanto, todos os caminhos de ulterior progresso se encontrariam desde então fechados, visto que a Humanidade não mais existiria?”

De tudo o que até aqui mostramos, podemos concluir que o “fim dos tempos” já passou, pois, pelas narrativas bíblicas, chega-se, facilmente, à conclusão de que esse tempo, na verdade, sempre foi algo próximo à realidade que viviam no momento.

Não existe nenhuma passagem pela qual possamos dizer que tal evento seja para um futuro longínquo, como se comumente acredita.

Entretanto, parece-nos que ninguém se preocupa com isso; os fiéis apenas seguem o que lhes passaram como “verdade”. Assim, essa visão distorcida vem sendo transmitida de geração em geração, numa interpretação equivocada, na qual não se encontra o mínimo apoio bíblico.

# Referência bibliográfica:

SILVA NETO SOBRINHO, P. Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta, disponível em:  
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/747-apocalipse-autoria-advento-e-a-identificacao-da-besta-ebook>

## Imagem:

Reino de Israel e Judá:

[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/1/1e/Kingdoms\\_of\\_Israel\\_and\\_Judah\\_map\\_830-pt.svg/570px-Kingdoms\\_of\\_Israel\\_and\\_Judah\\_map\\_830-pt.svg.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/1/1e/Kingdoms_of_Israel_and_Judah_map_830-pt.svg/570px-Kingdoms_of_Israel_and_Judah_map_830-pt.svg.png)



**204 páginas**

Não seguro | [www.paulosnetos.net](http://www.paulosnetos.net)



*Paulo Neto*

"A mente que se abre a uma nova ideia, jamais volta à sua dimensão original." (Albert Einstein)

Início

Perfil

Artigos

Livros



ARTIGOS REFUTADOS

+Detalhes



E-BOOKS

+Detalhes

**Site:**

**[www.paulosnetos.net](http://www.paulosnetos.net)**

**E-mail:**

**[paulosnetos@gmail.com](mailto:paulosnetos@gmail.com)**